



TAXA DE DESEMPREGO SE MANTÉM ESTÁVEL NO ESPÍRITO SANTO NO 1º TRIMESTRE DE 2025

Elaborado por: André Spalenza, Felipe Montini e Eduarda Gripp.

Informalidade recua para 37,5%, refletindo avanço na formalização do trabalho

O objetivo deste relatório é viabilizar o acompanhamento dos indicadores de emprego formal e informal no Espírito Santo. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD-IBGE) trimestral visa acompanhar as flutuações da força de trabalho dos estados e do país, a cada trimestre, considerando todos os tipos de ocupação - mercados formal e informal, empresários, funcionários públicos, trabalho doméstico, entre outros.

Taxa de Desemprego¹

No primeiro trimestre de 2025, a taxa de desemprego no Espírito Santo se manteve praticamente estável, passando de 3,9% no quarto trimestre de 2024 para 4%. Esse leve aumento acompanhou a tendência nacional, comum nesse período do ano, com a taxa de desemprego no Brasil subindo de 6,2% para 7%.

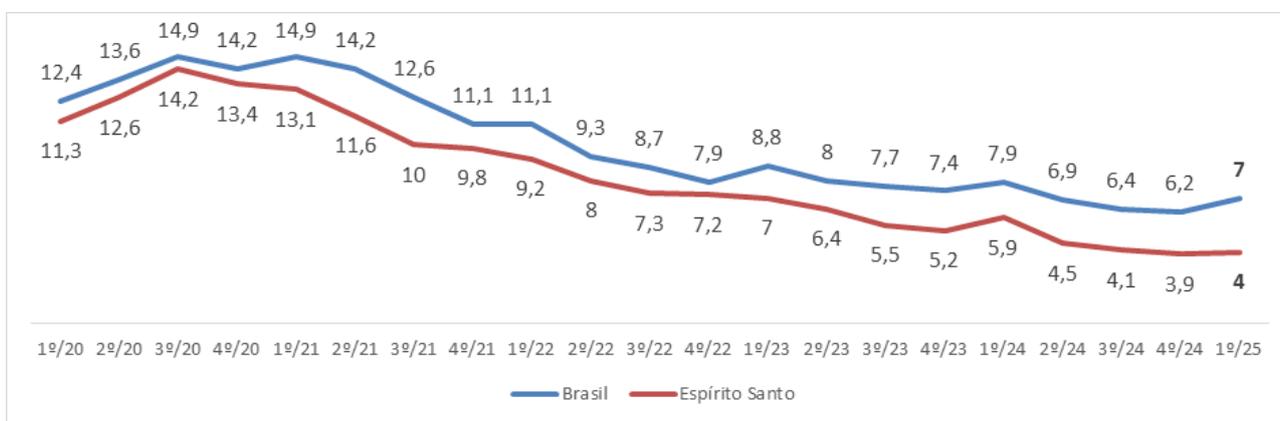
A elevação foi observada em 25 das 27 unidades da federação, mas considerada estatisticamente significativa em apenas 12 delas, com a variação ficando dentro da margem de erro da pesquisa nos demais estados, inclusive no Espírito Santo³.

Historicamente, o primeiro trimestre registra aumento no desemprego, refletindo o fim de contratos temporários firmados para atender à demanda das datas comemorativas do fim de ano, o Dia das Crianças, a Black Friday e o Natal. Além disso, setores como indústria e construção civil costumam fazer ajustes no quadro de funcionários após esse período, retomando o ritmo das contratações ao longo dos meses seguintes. No primeiro trimestre de 2024, por exemplo, o Espírito Santo também registrou aumento, com a taxa subindo de 5,2% para 5,9%.

No contexto geral, o Brasil alcançou a menor taxa de desemprego para um primeiro trimestre desde o início da série histórica, em 2012, e o Espírito Santo acompanhou esse movimento positivo. **Os dois últimos trimestres representam os menores níveis de desemprego já registrado no estado.** Desde o quarto trimestre de 2020, a taxa vem

caindo de forma consistente, alcançando os menores patamares no final de 2024 e início de 2025. Esse desempenho reflete um mercado de trabalho aquecido no Espírito Santo, que iniciou 2025 com a **menor taxa de desemprego do Sudeste e a 4ª menor do país**, ao lado de Paraná e Mato Grosso do Sul.

Taxa (%) de desemprego trimestral, Brasil e Espírito Santo, 2020 - 2025



Fonte: PNAD/IBGE. Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES.

O Espírito Santo possui a menor taxa de desemprego do Sudeste e a 4ª menor do país

No Espírito Santo, 2,148 milhões de pessoas fazem parte da força de trabalho, ou População Economicamente Ativa (PEA), que inclui as pessoas ocupadas e aqueles em busca de emprego. Em comparação com o primeiro trimestre de 2024, houve uma redução de 34 mil pessoas na força de trabalho no estado.

O número de desocupados no primeiro trimestre de 2025 permaneceu estável em relação ao trimestre anterior, totalizando 85 mil pessoas. No entanto, em relação ao mesmo período de 2024, 44 mil pessoas

deixaram a condição de desocupadas no Espírito Santo. Como a quantidade de desocupados se manteve constante, o leve aumento de 0,1 ponto percentual na taxa de desocupação foi resultado da redução no número de pessoas ocupadas, que somaram 2,063 milhões.

Isso levou a uma retração de 18 mil pessoas na força de trabalho capixaba no primeiro trimestre de 2025, possivelmente por motivos como aposentadoria, migração para outros estados ou porque desistiram de procurar emprego, entre outros fatores.

Características Populacionais e Ocupacionais (mil pessoas), ES

Espírito Santo	1º Trimestre 2024	4º Trimestre 2024	1º Trimestre 2025	Diferença (mil pessoas)	
				1º Tri/25 - 4º Tri/24	1º Tri/25 - 1º Tri/24
Pessoas de 14 anos ou mais	3.401	3.428	3.446	18	45
Força de Trabalho (PEA)	2.182	2.166	2.148	-18	-34
Ocupados	2.052	2.081	2.063	-18	11
Ocupados em situação de informalidade	796	798	774	-24	-22
Desocupados	129	85	85	0	-44
Fora da Força de Trabalho	1.219	1.262	1.298	36	79

Fonte: PNAD/IBGE. Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES.

Serviços e Comércio são os maiores empregadores, reunindo 51% e 17,7% da população ocupada, respectivamente

No primeiro trimestre de 2025, o número de pessoas ocupadas no Espírito Santo recuou 0,9% em relação ao trimestre anterior. A principal contribuição para essa queda veio do setor de **Comércio, que registrou uma redução de 6,2%**, o que representa cerca de 24 mil trabalhadores a menos. Esse movimento é considerado normal no Comércio do início do ano, quando as empresas ajustam seus quadros após o pico de vendas, e com as contratações temporárias, no fim do ano.

Entre os demais setores, a agropecuária foi a única a apresentar crescimento, com aumento de 2%, uma vez que esse setor econômico é fortemente influenciado por fatores sazonais, com maior nível de contratações em períodos específicos do ano.

A construção civil teve uma leve queda de 0,6%, enquanto os serviços registraram uma variação positiva de 0,2%. A indústria, por sua vez, manteve-se estável. Essa estabilidade geral nos setores é um sinal positivo para o mercado de trabalho

capixaba, especialmente considerando que o primeiro trimestre costuma registrar aumento no desemprego.

Ela indica que **muitos dos trabalhadores desligados no fim de 2024 foram rapidamente reinseridos no mercado.**

Dentro do setor de Serviços, destacou-se o segmento de **Alojamento e Alimentação, com alta de 6,3%** no número de ocupados, com o desempenho impulsionado pela temporada de verão, férias e o Carnaval, celebrado em março.

O segmento de **Transporte, Armazenagem e Correio também teve expansão, com crescimento de 3,2%** no trimestre, refletindo o avanço contínuo da área logística no estado. Conforme dados da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS/IBGE), em 2024, esse segmento registrou um crescimento acumulado de 9,4%, consolidando o Espírito Santo como um importante polo logístico nacional.

Número de pessoas OCUPADAS (Mil pessoas) por setores, ES

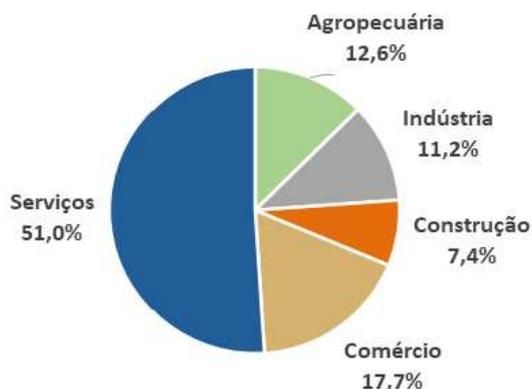
SETORES	1º Trimestre 2024	4º Trimestre 2024	1º Trimestre 2025	1º Tri/25 - 4º Tri/24	1º Tri/25 - 1º Tri/24
Agropecuária	272	255	260	2,0%	-4,4%
Indústria	225	232	232	0,0%	3,1%
Construção Civil	151	154	153	-0,6%	1,3%
Comércio	374	389	365	-6,2%	-2,4%
Serviços	1.030	1.050	1.052	0,2%	2,1%
Transporte, armazenagem e correio	124	126	130	3,2%	4,8%
Alojamento e alimentação	116	96	102	6,3%	-12,1%
Informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas	230	229	233	1,7%	1,3%
Administração pública, defesa, seguridade social, educação, saúde humana e serviços sociais	349	378	374	-1,1%	7,2%
Outros serviços	95	110	112	1,8%	17,9%
Serviços domésticos	116	109	101	-7,3%	-12,9%
TOTAL	2.052	2.081	2.063	-0,9%	0,5%

Fonte: PNAD/IBGE. Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES.

No Espírito Santo, os setores de **Serviços e Comércio** são os maiores empregadores, reunindo **51%** e **17,7%** da população ocupada, respectivamente.

Juntos, representam cerca de **68,7%** do total de trabalhadores no estado, o equivalente a aproximadamente **1,417 milhão dos 2,063 milhões** de pessoas ocupadas.

Representatividade (%) de pessoas ocupadas por setor, ES, 1º trimestre de 2025



Fonte: PNAD/IBGE. Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES.

Quanto ao tipo de ocupação, **mais da metade (52,2%)** das pessoas ocupadas no Espírito Santo trabalham no setor privado. Esse grupo totalizou 1,076 milhão de trabalhadores no primeiro trimestre de 2025, permanecendo estável em relação ao trimestre anterior. No entanto, houve uma mudança na composição desses empregos, com aumento no número de trabalhadores com

carteira assinada e a diminuição dos empregados informais, sinalizando um avanço na formalização no setor privado.

Entre os demais grupos ocupacionais, destaca-se a redução de 8,3% no número de trabalhadores domésticos, o que representa uma queda de cerca de 9 mil pessoas nesse segmento.

Houve também uma queda expressiva de 19,5% no número de trabalhadores familiares auxiliares, que são aqueles que atuam sem remuneração em negócios de família. O número de pessoas ocupadas nesse segmento teve uma retração de 41,1% em relação ao primeiro trimestre de 2024. Essa queda pode indicar um movimento de transição dessas pessoas para ocupações remuneradas. Também foi registrada uma leve redução de

1% no número de empregadores e de trabalhadores por conta própria, grupo que inclui autônomos e microempreendedores individuais. Ainda assim, em comparação com o mesmo período de 2024, ambos os grupos apresentaram crescimento: mais 2 mil empregadores e 18 mil trabalhadores por conta própria, o que sinaliza uma tendência positiva no empreendedorismo e nas ocupações autônomas no estado.

Número de pessoas OCUPADAS (Mil pessoas), por tipo de ocupação, ES

Tipo de ocupação	1º Trimestre 2024	4º Trimestre 2024	1º Trimestre 2025	1º Tri/25 - 4º Tri/24	1º Tri/25 - 1º Tri/24
Empregado no setor privado, exclusive trabalhador doméstico	1.058	1.076	1.076	0,0%	1,7%
Com carteira assinada	759	770	778	1,0%	2,5%
Sem carteira assinada	299	306	298	-2,6%	-0,3%
Trabalhador doméstico	115	109	100	-8,3%	-13,0%
Com carteira assinada	26	29	26	-10,3%	0,0%
Sem carteira assinada	89	80	74	-7,5%	-16,9%
Empregado no setor público	238	244	248	1,6%	4,2%
Empregador	95	98	97	-1,0%	2,1%
Com CNPJ	78	79	78	-1,3%	0,0%
Sem CNPJ	17	19	19	0,0%	11,8%
Conta própria	490	513	508	-1,0%	3,7%
Com CNPJ	156	161	158	-1,9%	1,3%
Sem CNPJ	334	353	350	-0,8%	4,8%
Trabalhador familiar auxiliar	56	41	33	-19,5%	-41,1%
Total	2.052	2.081	2.063	-0,9%	0,5%

Fonte: PNAD/IBGE. Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES.

O rendimento médio mensal das pessoas ocupadas no Espírito Santo aumentou de R\$ 3.260 no quarto trimestre de 2024 para R\$ 3.344 no primeiro trimestre de 2025, uma alta de 2,6%. Esse valor corresponde à remuneração no trabalho principal, considerando tanto trabalhadores formais quanto informais de todos os setores econômicos. Com esse resultado, o Espírito Santo passou a ter o **9º maior rendimento médio entre os estados brasileiros**, levemente acima da média nacional, de R\$ 3.318.

Entre os grandes setores, apenas a Indústria apresentou retração no rendimento médio (-5%), possivelmente em função de férias coletivas, ajustes operacionais e menor demanda típica do início do ano. Nos demais setores, houve aumento nos rendimentos, com destaque para Serviços (4,1%), Agropecuária (3,8%) e Comércio (3%). A Construção Civil teve uma leve alta trimestral (0,9%), mas acumula um crescimento expressivo de 12,1% em relação ao mesmo período de 2024, o maior entre os cinco principais setores da economia.

Rendimento médio mensal real das pessoas ocupadas, habitualmente recebido no trabalho principal, por setores, ES

SETORES	1º Trimestre 2024	4º Trimestre 2024	1º Trimestre 2025	1º Tri/25 - 4º Tri/24	1º Tri/25 - 1º Tri/24
Agropecuária	2.281	2.300	2.387	3,8%	4,6%
Indústria	3.590	3.495	3.321	-5,0%	-7,5%
Construção	2.533	2.813	2.839	0,9%	12,1%
Comércio	2.680	2.759	2.842	3,0%	6,0%
Serviços*	3.577	3.657	3.807	4,1%	6,4%
Transporte, armazenagem e correio	3.286	3.357	3.294	-1,9%	0,2%
Alojamento e alimentação	2.586	2.344	2.364	0,9%	-8,6%
Informação, comunicação e atividades financeiras, imobiliárias, profissionais e administrativas	4.097	4.256	4.473	5,1%	9,2%
Administração pública, defesa, seguridade social, educação, saúde humana e serviços sociais	4.670	4.749	4.900	3,2%	4,9%
Outros serviços	2.709	2.528	2.924	15,7%	7,9%
Serviços domésticos	1.274	1.325	1.315	-0,8%	3,2%
Geral	3.189	3.260	3.344	2,6%	4,9%

Fonte: PNAD/IBGE. Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES.

Embora o número total de desocupados no Espírito Santo tenha se mantido estável no primeiro trimestre de 2025, houve mudanças importantes no perfil dessas pessoas quanto ao tempo de procura por trabalho. Destaca-se **a redução no contingente de desempregados que buscavam ocupação há mais de um ano, que é o grupo geralmente mais vulnerável no mercado de trabalho**. Esse número caiu de 25 mil para 18 mil pessoas, uma redução de 7 mil em relação ao trimestre anterior, indicando que parte desses trabalhadores conseguiu uma vaga ou deixou

a força de trabalho. Ao mesmo tempo, aumentou o número de pessoas que estão há menos tempo em busca de emprego. A quantidade de desocupados procurando trabalho há menos de um mês subiu de 21 mil para 24 mil, e aqueles que buscam há menos de um ano passaram de 38 mil para 43 mil. Essa mudança na composição sinaliza maior dinamismo no mercado de trabalho capixaba, com menor tempo médio de desocupação e maior rotatividade, características típicas de um mercado mais aquecido.

População desocupada, por tempo de procura de trabalho, ES

Tempo de procura	1º Trimestre 2024	4º Trimestre 2024	1º Trimestre 2025	Diferença (mil pessoas)	
				1º Tri/25 - 4º Tri/24	1º Tri/25 - 1º Tri/24
Menos de 1 mês	22	21	24	3	2
De 1 mês a menos de 1 ano	71	38	43	5	-28
De 1 ano a menos de 2 anos	16	9	7	-2	-9
2 anos ou mais	20	16	11	-5	-9
Total	129	85	85	0	-44

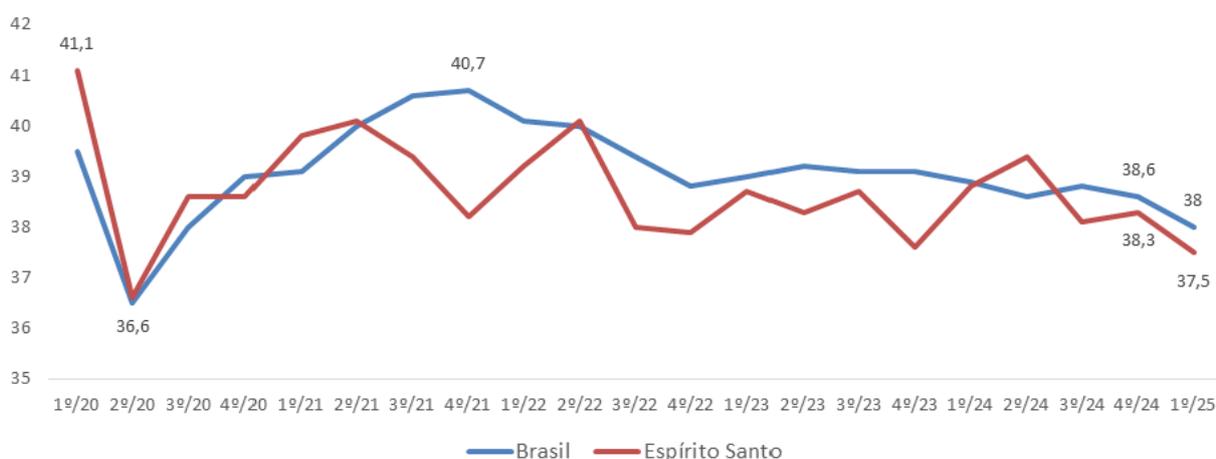
Fonte: PNAD/IBGE. Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES.

Taxa de Informalidade²

A taxa de informalidade no Espírito Santo recuou no primeiro trimestre de 2025, passando de 38,3% para 37,5%. Com isso, o número de pessoas atuando em ocupações informais no estado caiu de 798 mil para 774 mil, o que corresponde a uma redução de 24 mil trabalhadores.

Esse movimento também foi observado em nível nacional, onde a taxa de informalidade diminuiu de 38,6% para 38%. Assim, o Espírito Santo segue com um índice de informalidade abaixo da média do país.

Taxa (%) de informalidade trimestral, Brasil e Espírito Santo, 2020-2025



Fonte: PNAD/IBGE. Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES.

A taxa de desemprego no Espírito Santo, de 4%, é a mais baixa da região Sudeste e a 4ª menor do país, empatada com Paraná e Mato Grosso do Sul. Por outro lado, mesmo com a queda em relação ao trimestre ante-

rior, a informalidade no estado segue elevada, com 37,5%, sendo a maior entre os estados das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, ficando abaixo apenas dos índices observados nas regiões Norte e Nordeste.

Ranking da Taxa de Desocupação (%) das Unidades da Federação, 1º trimestre de 2025

Ranking	Estados	Taxa (%) de desocupação	Taxa (%) de Informalidade	Rendimento Médio (R\$)*	Taxa (%) de Subocupação	Taxa (%) de Subutilização
1º	Santa Catarina	3	25,3	3.953	1	5,3
2º	Rondônia	3,1	48,1	2.969	2,4	8,5
3º	Mato Grosso	3,5	35,2	3.524	1,8	8,1
4º	Espírito Santo	4	37,5	3.344	1,4	7,9
-	Paraná	4	31,6	3.674	2,6	9,4
-	Mato Grosso do Sul	4	30,5	3.521	2,9	9,8
9º	Minas Gerais	5,7	35,7	3.022	3,9	13
10º	São Paulo	6,2	29,3	3.972	3	12,1
22º	Rio de Janeiro	9,3	37,2	3.974	3,7	15,4
-	Brasil	7	38	3.318	4,4	15,9

Fonte: PNAD/IBGE. Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES.

No primeiro trimestre de 2025, a **taxa de subocupação por insuficiência de horas trabalhadas caiu de 1,9% para 1,4%** no Espírito Santo, sendo a segunda menor do país, atrás apenas de Santa Catarina (1%). Isso indica que a maioria dos trabalhadores está conseguindo cumprir jornadas compatíveis com sua disponibilidade e interesse. Em nível nacional, 4,4% dos brasileiros trabalham menos horas do que poderiam e gostariam.

Já a taxa de subutilização da força de trabalho⁴, que inclui desocupados, subocupados e pessoas que gostariam de trabalhar, mas não buscaram emprego, foi de 7,9%, também a segunda menor do Brasil e bem abaixo da média nacional (15,9%). Esses indicadores refletem uma boa capacidade do mercado capixaba de absorver a mão de obra disponível.

Composição da força de trabalho capixaba

A força de trabalho no Espírito Santo é majoritariamente masculina, com os homens representando 57% do total. A taxa de desocupação, no entanto, é mais elevada entre as mulheres (5%) do que entre os homens (3,4%).

Além da maior incidência de desemprego, as mulheres também enfrentam uma significativa desigualdade salarial. Enquanto os homens recebem, em média, R\$ 3.666, as mulheres têm rendimento médio de R\$ 2.899. Dessa forma, **os homens recebem, em média, 26,5% a mais do que as mulheres**

no Espírito Santo. Esse cenário evidencia disparidades estruturais de gênero no mercado de trabalho capixaba, com efeitos diretos sobre a autonomia econômica das mulheres e sobre as desigualdades sociais no estado.

Assim, o fortalecimento de políticas voltadas à inserção qualificada de mulheres no mercado e à promoção da equidade salarial é fundamental para reduzir essas assimetrias e promover maior justiça econômica.

Características Ocupacionais (mil pessoas), ES, 1º Trimestre de 2025

Indicador	Homens	Mulheres	Total
Pessoas de 14 anos ou mais	1.680	1.766	3.446
Força de Trabalho (PEA)	1.224	924	2.148
Ocupados	1.185	878	2.063
Ocupados em situação de informalidade	471	304	774
Desocupados	39	47	85
Fora da Força de Trabalho	456	842	1.298
Taxa de Desocupação (%)	3,2	5	4
Taxa de Informalidade (%)	39,7	34,6	37,5
Rendimento médio mensal (R\$)*	3.666	2.899	3.344

Fonte: PNAD/IBGE. Elaboração: Equipe Connect Fecomércio-ES.

O que está acontecendo?

No 1º trimestre de 2025, a taxa de desemprego no Espírito Santo manteve-se praticamente estável, com um leve aumento de 0,1 ponto percentual em relação ao trimestre anterior, passando de 3,9% para 4%. Esse movimento é típico desse período do ano, quando há redução das contratações após o fim de datas com maior demanda no comércio, como Dia das Crianças, Black Friday e Natal, em que predominam contratações temporárias.

Em nível nacional, a taxa de desocupação foi de 7%, a menor já registrada para um primeiro trimestre na série histórica. O Espírito Santo acompanha essa tendência, de modo que, nos dois últimos trimestres, o estado manteve as menores taxas de desemprego desde o início da série, em 2012. Desde o 4º trimestre de 2020, a taxa vem caindo de forma consistente, refletindo um mercado de trabalho aquecido. O estado iniciou 2025 com a menor taxa de desemprego da região Sudeste e a 4ª mais baixa entre todos os estados brasileiros.

O número de desocupados no Espírito Santo manteve-se estável no 1º trimestre de 2025, totalizando 85 mil pessoas. No entanto, houve uma redução no contingente de desempregados que procuram trabalho há mais de um ano, que agora somam cerca de 18 mil. Com isso, a maioria dos desocupados (aproximadamente 67 mil, ou 79% do total) está em busca de emprego há menos de um ano, o que representa um indicativo de maior rotatividade e de um tempo menor de permanência no desemprego, característico de mercados próximos ao pleno emprego.

A informalidade recuou de 38,3% para 37,5%, o que representa uma redução de 24 mil trabalhadores nessa condição

Os setores de **Serviços** e **Comércio** seguem como os principais empregadores do mercado de trabalho capixaba, respondendo por 51% e 17,7% das ocupações, respectivamente.

Juntos, empregam aproximadamente 1,417 milhão das 2,063 milhões de pessoas ocupadas no estado, evidenciando sua relevância para a geração de emprego e renda na região. O rendimento médio mensal dos ocupados no Espírito Santo subiu de R\$ 3.260 no 4º trimestre de 2024 para R\$ 3.344 no 1º trimestre de 2025, um avanço real de 2,6%.



Com esse resultado, o estado passou a ocupar a 9ª posição entre os maiores rendimentos médios do país, ligeiramente acima da média nacional (R\$ 3.318). Esse crescimento da renda reflete a dinâmica de um mercado de trabalho aquecido, com menor oferta de mão de obra disponível, o que leva as empresas a oferecerem salários mais altos para reter e contratar trabalhadores. Além disso, o aumento da massa de rendimentos impulsiona o consumo das famílias, especialmente nos setores de comércio, serviços e turismo, contribuindo para o fortalecimento da economia local.

Outro aspecto relevante foi a redução observada no número de trabalhadores domésticos no Espírito Santo, que passou de 109 mil para 100 mil no 1º trimestre de 2025. Trata-se de uma ocupação marcada por altos níveis de informalidade, sendo que, dos 100 mil trabalhadores nesse segmento, 74 mil não possuem vínculo formal. Além disso, o rendimento médio mensal é de R\$ 1.315, abaixo do salário mínimo vigente (R\$ 1.518). Esse recuo pode sinalizar uma transição desses trabalhadores para atividades com maior potencial de formalização e melhores remunerações, favorecendo sua estabilidade, segurança financeira e o acesso a direitos trabalhistas.

Houve também uma queda expressiva de 19,5% no número de trabalhadores auxiliares familiares, que são pessoas que trabalham sem remuneração auxiliando membros da própria família, totalizando 8 mil ocupações a

menos. A retração nesse grupo pode indicar a inserção dessas pessoas em ocupações remuneradas, formais ou informais, com maior potencial de geração de renda e redução da precariedade dos seus vínculos de trabalho.

Os dados do 1º trimestre de 2025 indicam que o Espírito Santo apresenta a 4ª menor taxa de desemprego do país (4%), a 2ª menor taxa de subocupação por insuficiência de horas trabalhadas (1,4%) e a 2ª menor taxa de subutilização da força de trabalho (7,9%). Esses indicadores refletem um mercado de trabalho dinâmico, com alta capacidade de absorção da mão de obra disponível, contribuindo para a estabilidade econômica e a elevação da renda das famílias.

A informalidade também recuou no período, passando de 38,3% para 37,5%, o que representa uma redução de 24 mil trabalhadores nessa condição. A queda é um avanço importante, dado que a informalidade compromete a proteção social dos trabalhadores, reduz a produtividade e afeta negativamente a arrecadação e a concorrência. No entanto, o Espírito Santo ainda apresenta a maior taxa de informalidade entre os estados das regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, com 774 mil pessoas atuando informalmente. Esse cenário reforça a importância de políticas públicas voltadas à formalização do trabalho, como qualificação profissional, incentivos fiscais, ambiente regulatório simplificado e maior fiscalização.





Opinião Capixaba

Conversamos com a **Dra. Susane Petinelli Souza**, professora do departamento de **Administração da UFES**, sobre os impactos da desigualdade de gênero no mercado de trabalho. Ela destacou como essa desigualdade compromete o aproveitamento do talento feminino, gerando efeitos na produtividade, no consumo e na própria economia. Suas reflexões reforçam a importância de ampliar a presença de mulheres em cargos de liderança e de promover ambientes organizacionais mais inclusivos. Confira:

É importante destacar que, embora se espere que lideranças femininas promovam esses valores, isso não deve ser uma responsabilidade exclusiva delas

“A discriminação de gênero, ou desigualdade de gênero, representa um entrave para o pleno aproveitamento do potencial das mulheres no mercado de trabalho. Quando barreiras discriminatórias impedem que mulheres com talento contribuam plenamente com seus conhecimentos e experiências, as organizações perdem a oportunidade de acessar trajetórias profissionais ricas e diversas.

Além disso, essa desigualdade se reflete diretamente na renda: mulheres tendem a receber menos que os homens, o que compromete sua capacidade de consumo, apesar de serem frequentemente mais estimuladas a consumir. Isso gera um desequilíbrio econômico que pode impactar, inclusive, indicadores macroeconômicos como o PIB (Produto Interno Bruto), o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) e o IVS (Índice de Vulnerabilidade Social, do IPEA).

Reduzir a desigualdade de gênero, portanto, traz benefícios não apenas sociais, mas também econômicos. No que diz respeito à presença feminina em posições de liderança, ampliar essa participação significa diversificar os estilos de liderança nas organizações. Mulheres

podem adotar tanto estilos distintos quanto similares aos tradicionalmente masculinos, enriquecendo a dinâmica organizacional e trazendo perspectivas complementares.



Além disso, a presença de mulheres em cargos estratégicos pode contribuir para a promoção contínua de ambientes mais igualitários e inclusivos, incentivando práticas que valorizem a diversidade, como a inclusão de pessoas negras e outros grupos historicamente sub-representados.

É importante destacar que, embora se espere que lideranças femininas promovam esses valores, isso não deve ser uma responsabilidade exclusiva delas. O compromisso com a equidade precisa ser compartilhado por toda a organização. Para isso, é fundamental que ações de diversidade e inclusão não fiquem restritas a um único setor, como o de Gestão de Pessoas, mas que estejam enraizadas na cultura organizacional e envolvam todos os

colaboradores — especialmente os homens, que também devem se engajar ativamente na construção de um ambiente mais justo. Algumas estratégias eficazes incluem a criação de programas de mentoria que respeitem diferentes perfis de liderança — evitando impor modelos masculinos como padrão —, processos seletivos com foco na inclusão e políticas de valorização da diversidade. Além disso, é imprescindível assegurar a igualdade salarial. Mulheres que ocupam as mesmas funções que seus colegas homens, muitas vezes com mais qualificação ou experiência, não podem continuar recebendo menos. A equiparação salarial, além de ser uma exigência legal, é uma condição básica de justiça e respeito.”

Tendência - Diversidade de Gênero: Estratégia para um Mercado de Trabalho Mais Forte

O mercado de trabalho tem sido palco de algumas transformações — e um dos sinais mais positivos são mulheres em posições de liderança. Embora existam muitos desafios, cresce a percepção de que promover a diversidade de gênero é uma pauta estratégica de negócios.

Empresas com lideranças mais diversas tendem a ser mais inovadoras, mais conectadas com os clientes e mais preparadas para lidar com contextos complexos.

A presença feminina traz novas perspectivas, estilos de gestão mais colaborativos e uma sensibilidade importante para lidar com equipes, processos e consumidores.

Cresce a percepção de que promover a diversidade de gênero é uma pauta estratégica de negócios

Reconhecer esse potencial não significa criar distinções artificiais, mas sim garantir que todos — homens e mulheres — tenham acesso às mesmas oportunidades de desenvolvimento e crescimento. Muitas vezes, as barreiras são sutis: falta de visibilidade, poucos modelos de

liderança feminina, expectativas desiguais. O primeiro passo é olhar para isso com atenção.

Felizmente, cada vez mais empresas estão abrindo espaço para transformar esse cenário. Iniciativas simples, mas consistentes, fazem toda a diferença: incentivar mulheres a participar de programas de liderança, valorizar estilos de gestão diversos, oferecer flexibilidade e estimular a formação de redes de apoio e mentoria.

Promover um ambiente mais equilibrado não é apenas justo — é inteligente. Quando diferentes talentos têm espaço, todos ganham: as equipes, os resultados e a própria cultura organizacional.

Contudo, as mulheres ainda enfrentam obstáculos estruturais que limitam sua participação plena no mercado de trabalho. A desigualdade salarial, por exemplo, permanece como uma das principais barreiras. Mesmo com níveis semelhantes de qualificação e experiência, elas continuam recebendo menos do que os homens em cargos equivalentes — e essa disparidade é ainda maior quando se observam outros recortes.

Além disso, a convivência com a chamada “dupla jornada” é comum para as mulheres: a responsabilidade majoritária pelos cuidados domésticos e familiares. Essa sobrecarga impacta diretamente a disponibilidade para o desenvolvimento profissional e, muitas vezes, leva ao abandono da carreira. Ainda são poucas as políticas corporativas que oferecem condições reais de equilíbrio entre vida pessoal e trabalho.

A presença feminina em cargos de liderança também segue limitada. Estereótipos arraigados, como a ideia de que a liderança é um papel naturalmente masculino, reforçam a sub-representação das mulheres nos espaços de decisão. A ausência de modelos de referência e de ambientes inclusivos contribui para esse cenário.

A maternidade, por sua vez, continua sendo vista por algumas empresas como um fator de risco, o que pode afetar promoções e oportunidades. Enquanto isso, os homens raramente enfrentam o mesmo tipo de julgamento ao se tornarem pais.

Também é importante reconhecer o impacto dos vieses inconscientes nas decisões de contratação e promoção. Ainda há a crença de que mulheres são menos aptas para atuar em áreas técnicas ou posições estratégicas.

Quando se trata de mulheres negras, esses obstáculos se somam, resultando em uma exclusão ainda mais acentuada.

Por fim, muitas empresas ainda não contam com políticas efetivas de inclusão. A ausência de creches, horários flexíveis ou programas de mentoria limita as possibilidades de crescimento profissional das colaboradoras, especialmente nas fases mais exigentes da vida pessoal.

Transformar esse cenário é uma questão de inteligência econômica. Aumentar a participação feminina no mercado de trabalho — especialmente em cargos de liderança tem tudo para promover a produtividade, estimular a inovação e ampliar os resultados. Criar ambientes mais equilibrados e inclusivos é, portanto, uma oportunidade para empresas que desejam se destacar em um mundo cada vez mais conectado e diverso.



Notas

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua Trimestral) é uma pesquisa realizada através de uma amostra de domicílios e destina-se a produzir informações sobre a inserção da população na força de trabalho. Sua amostra foi desenhada visando produzir informações trimestrais.

Diferentemente dos dados disponibilizados pelo RAIS/CAGED/MTE, que consolida números dos registros oficiais das empresas e mapear o mercado formal de trabalho, a PNAD/IBGE é uma pesquisa que busca captar informações gerais sobre a situação do trabalho de forma geral.

A cada trimestre, são investigados 211.344 domicílios particulares permanentes, em aproximadamente 16.000 setores censitários, distribuídos em cerca de 3.500 municípios.

São classificadas como desocupadas na semana de referência (semana da pesquisa) as pessoas não ocupadas nesse período, que tomaram alguma providência efetiva para conseguir um trabalho no período de referência de 30 dias e que estavam disponíveis para iniciar um trabalho na semana de referência.

¹A taxa de desocupação, também conhecida como “taxa de desemprego”, leva em consideração as pessoas que estão disponíveis para o trabalho e buscaram emprego mas que não conseguiram uma colocação no mercado de trabalho. Seu cálculo se dá a partir da proporção das pessoas desocupadas em relação a força de trabalho, que são as pessoas em idade para trabalhar e que estão ocupadas ou desocupadas no período de referência.

²A taxa de informalidade é o percentual de informais dentro da população ocupada. Nesse contexto, a situação de informalidade se refere às pessoas ocupadas como “Empregado no setor privado sem carteira de trabalho assinada, exclusive trabalhador doméstico”, “Trabalhador doméstico sem carteira de trabalho assinada”, “Empregador sem CNPJ”, “Conta própria sem CNPJ” e “Trabalhador familiar auxiliar”.

³Fonte: <https://istoedinheiro.com.br/desemprego-cresce-em-25-das-27-unidades-da-federacao-no-1o-trimestre/>

⁴A taxa de subutilização da força de trabalho corresponde à proporção da população economicamente ativa que enfrenta insuficiência de ocupação. Esse indicador engloba os desocupados (pessoas que procuram emprego, mas não conseguem), os subocupados por insuficiência de horas trabalhadas (aqueles que trabalham menos do que desejam) e a força de trabalho potencial (indivíduos que gostariam de trabalhar, mas não buscaram emprego devido a motivos específicos, como desânimo ou indisponibilidade temporária).

EXPEDIENTE: Presidente do Sistema Fecomércio-ES/Sesc/Senac:

Idalberto Luiz Moro | **Diretor Sesc-ES:** Luiz Henrique Toniato | **Diretor**

Senac-ES: Richardson Schmittel | **Superintendente Fecomércio-ES:**

Wagner Corrêa | **Diretor de Relações Institucionais Fecomércio-ES:**

Cezar Wagner Pinto | **Equipe Connect Fecomércio-ES:** André Spalenza

: Revieni C. Zanotelli : Karina Tonini : Felipe Montini : Eduarda Gripp :

Gercione Dionizio : Samuel O. Cabral | Tel.: 3205-0706 |

www.fecomercio-es.com.br